

A INTERDISCIPLINARIDADE OU O *SEM MUROS* DOS SABERES DO HUMANO¹

José Célio Freire*

Resumo

Este trabalho tenta justificar a importância da interdisciplinaridade para o desenvolvimento dos saberes psi, partindo da relação da Psicologia com as ciências sociais e biológicas, para depois defender a aproximação com a alteridade do discurso literário.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; alteridade; literatura.

Abstract

This work intends to show the importance of the interdisciplinarity for the development of the psi knowledge. It starts from the relationship of Psychology with social and biological sciences, and at last it defends its approach with the alterity of the literary speech.

Keywords: interdisciplinarity; alterity; literature.

A Psicologia como área de estudos, melhor dizendo, as Psicologias, dado que ela própria possui dessemelhanças internas – é, por definição, uma disciplina em persistente contato com outras “ciências” – em especial, as sociais – a antropologia e a sociologia, por exemplo, e as biológicas – a biologia, a anatomia, a fisiologia e a psicofisiologia. Para além dessa caracterização mais clássica, outras áreas do conhecimento foram se mostrando cada vez mais próximas e novas interfaces se colocaram como desafio para o estudioso da Psicologia. É o caso, por exemplo, da Literatura e da Linguística, mas também da Computação e das Neurociências.

O caráter multidisciplinar do saber humano implica na possibilidade da interdisciplinaridade, ou seja, da proliferação de relações possíveis entre conhecimentos diversos,

alimentando-se uns dos outros e construindo novos saberes e campos de investigação. Por sua vez, soma-se aos caracteres anteriores o da *transdisciplinaridade*, quer dizer, da superação dos limites auto-impostos pelas áreas do conhecimento. Claro que isso provoca em membros mais ciosos da comunidade acadêmica e científica o receio da superficialidade dos estudos que a especialização supostamente evitaria. Esse modelo que busca verticalizar o conhecimento parece, contudo, sucumbir à evidência de que sem a contribuição das áreas afins pouco pode caminhar uma disciplina na direção de uma compreensão mais ampla do homem, da sociedade, da vida ou do universo. Ademais, há quem defenda, para além da *multi*, da *inter* e da *transdisciplinaridade*, a *indisciplinaridade* (Figueiredo, 1995). Em outras palavras, há que transgredir e ousar na esfera da produção do conhecimento e se permitir produzir novas áreas de investigação a partir da irrupção de fenômenos inéditos no existir humano, na sua relação com o ambiente e com as novas tecnologias. Some-se a isso o fato de que as áreas de investigação de ponta nos grandes centros de pesquisa ao redor do mundo são, inexoravelmente, áreas de intersecção, sobreposição ou reorganização de disciplinas.

Só para ficarmos num exemplo bastante atual, a internet aparece como um fenômeno típico da contemporaneidade que abarca dimensões da comunicação, da informação, das relações sociais mais amplas e da interpersoalidade, do uso e da internacionalização das línguas, da indústria cultural, do mundo do consumo, da produção da subjetividade, da difusão artística, do direito público e privado, da divulgação científica etc., potencializando os efeitos de cada um desses segmentos em termos de rapidez, acessibilidade e interatividade. Não se quer aqui fazer a defesa ou a acusação deste instrumento multifacetado, mas apenas apontar para as múltiplas incidências que provoca e a ne-

* Professor do Mestrado em Psicologia da UFC.

¹ Originalmente uma palestra proferida em 19 de novembro de 2003, no I Encontro Interdisciplinar de Pós-Graduação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFC. Sofreu as alterações necessárias à sua formatação como artigo.

cessidade de sua compreensão enquanto fenômeno que se coloca de forma determinante na vida social, com consequências políticas, econômicas e éticas que ainda não conseguimos escandir (cf. Derrida, 2003).

A nós, particularmente, interessam interseções e sobreposições entre as psicologias e a filosofia, em especial a ética; as relações possíveis com a literatura e a arte em geral; a antropologia filosófica e cultural em sua vinculação com a história; e também a psicanálise (quer se a coloque dentro ou fora das psicologias) e a psicopatologia. Freire (2000a e 2002) é um exemplo da indisciplina a que nos referimos há pouco. Parte da Ética, portanto da Filosofia, passando pelo estudo da sociedade contemporânea, para chegar à discussão das psicologias. É claro que corremos riscos numa empresa deste tipo, mas também temos muito a ganhar. Obviamente o trabalho de orientação é fundamental, em se tratando de estudos pós-graduados, pois se o Professor Orientador transita bem por saberes próximos poderá estimular e acompanhar de perto um périplo desta ordem².

Acheguemo-nos, porém, da literatura, pela via da indisciplina. Estudos proustianos podem resultar em trabalhos que ora tratam da temporalidade, ora da realidade, ora da criação, ora do exercício da leitura. Daremos alguns exemplos: (1) a *extemporaneidade*, a *atemporalidade*, a *contratemporaneidade* e a *posterioridade* que aparecem na obra de Proust implicaram num criar para o tempo, que por sua vez exige um tempo para o criar, e este cria um tempo outro que se aproxima do tempo vivido, imanente ou íntimo, tão caro aos fenomenólogos (Freire, 2001a); (2) a realidade externa e a realidade interna (psíquica) se conjugam na produção humana, na artística em especial, exigindo que seu autor seja um agente ativo sobre o mundo e sobre sua própria fantasia (Freire, 2000b); (3) a criação (e sua fruição) como uso sério do tempo (e do ócio), na promoção do alargamento da personalidade, em oposição a pseudocultura (Freire, 2001b); (4) a leitura como provocadora de suplementos, sendo a interpretação um encontro com a alteridade do texto, do autor e do próprio leitor (Freire, 2000c). Estes são, portanto, outros exemplos daquela *indisciplinaridade* a que aludimos antes, e que se voltam para as discussões psicológicas sobre a produção da subjetividade, a narratividade do discurso clínico, a singularidade de cada existência humana, o desenvolvimento do psiquismo etc.

Outros tantos trabalhos poderiam ser elencados e que transitam também por outras disciplinas. No Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS), da Universidade Federal do Ceará, por exemplo, pesquisadores utilizam em suas investigações trabalhos dos teóricos da

Escola de Frankfurt, em especial Marcuse e Adorno, e fazem uma crítica procedente da sociedade de consumo, do fetichismo da mercadoria, do poder dos *media* e do reencantamento do mundo, tomando o narcisismo e a pseudoindivuaçãoção como conceitos fulcrais (Severiano, 2000 e 2001). Germano (2000 e 2002) se apropria da literatura para tratar das imagens e sentidos de brasilidade, seja em Lima Barreto (*O triste fim de Policarpo Quaresma*), seja no *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. Em José de Alencar e Antônio Callado, por sua vez, vai buscar as invenções da nação, assim como no trabalho que desenvolve atualmente tomando *Casa grande & senzala* (de Gilberto Freyre) e *O feitiço da Ilha do Pavão* (também do João Ubaldo), onde mescla os discursos antropológico, sociológico e literário.

Indo muito mais longe e tomando ainda a literatura como modelo, vamos enxergar em Shakespeare o inventor do humano, como quer Bloom (2000). Desta maneira não seria Édipo, de Sófocles, interpretado por Freud, mas Hamlet, o modelo do humano. Diz-nos Bloom:

Shakespeare (...) inventou o humano, o que hoje entendemos por humano (...) Os fortes personagens shakespearianos – Falstaff, Hamlet, Rosalinda, Iago, Lear, Macbeth, Cleópatra, entre outros – são exemplos extraordinários não apenas de geração de significado, em lugar de sua mera repetição, como, também, de criação de novas formas de consciência (2000, p.20-21).

E mais adiante: “Hamlet, mentor de Freud, induz à revelação todos os que lhe cruzam o caminho, enquanto ele próprio (tanto quanto Freud) escapa aos biógrafos” (Bloom, 2000, p. 22). Depois vem o conselho, que todo psicólogo deveria seguir:

Somos guiados por impulsos que não podemos controlar e lidos por livros aos quais não podemos resistir. Devemos nos aplicar e ler Shakespeare com o afincamento que nos for possível, sabendo que as peças nos lerão com uma energia ainda maior. As peças nos lêem de maneira definitiva (2000, p.22).

E como se não bastasse nos aponta elementos fundamentais do humano no homem: “*Ethos, logos, páthos* – a base tríplice da retórica, da psicologia e da cosmologia – sempre nos surpreendem no falar de Hamlet, que se altera cada vez que se ouve a si mesmo” (2000, p. 526).

Buscando, no entanto, a dimensão ética em sua precedência sobre quaisquer outras, e vendo aí a alteridade como estrutura da subjetividade – o que nos remete à filosofia de Emmanuel Lévinas – alguns elementos podem ser

² No caso em questão tratava-se de um nome respeitável dentro da discussão epistemológica, histórica e ética das psicologias, o do Prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo, da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, autor de livros valiosos para a crítica da Psicologia.

requestados da prosa roseana, por exemplo. O amor sem concupiscência entre os irmãos Miguilim e Dito, que nos lembra também o de Tonho Breves e Pacu no filme *Abril despedaçado*, de Walter Salles (2002), é testado na morte. Estar com o outro em sua morte, eis um imperativo ético:

Miguilim entrou, empurrando os outros: o que feito uma loucura ele naquele momento sentiu, parecia mais uma repentina esperança. O Dito, morto, era a mesma coisa que quando vivo, Miguilim pegou na mãozinha morta dele. Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores que os olhos. (...) Miguilim não agüentava ficar ali; foi para o quarto de Luisaltino, deitou na cama, tapou os ouvidos com as mãos e apertou os olhos no travesseiro – precisava de chorar, toda-a-vida, para não ficar sozinho (Rosa, G., Manuelzão e Miguilim, 1994, p.522).

Os mistérios da subjetividade cindida, ou mutante, disposta na tragicidade da existência, aparece noutro texto onde Riobaldo, o Tatarana, aponta para a encruzilhada ética:

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar (Rosa, G., 1994, Grande Sertão: veredas, p.17).

Ou ainda a idéia de finitude, de incompletude e de permanência do ser-humano:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior (Rosa, G., Grande Sertão: veredas”, 1994, p.22).

A alteridade do feminino, a afetação pelo outro e o desejo do excesso que escapa à carícia e à compreensão, aparecem na cena clímax de Grande Sertão: veredas:

*Que Diadorim era corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coroa... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluçei meu desespero. (...) Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. (...) E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:
- “Meu amor!...”*

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo (Rosa, G., Grande Sertão: veredas, 1994, p.380).

Persistindo na direção da ética, lembremo-nos da insistência levinasiana em conjurar o sentido da ética do *ser-por-e-pelo-outro*, ou seja, da responsabilidade mais radical, com a assertiva que encontra em Dostoievsky, n’*Os irmãos Karamazov*: “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros” (apud Lévinas, 1988).

Gostaríamos de realçar essa dimensão de alteridade, numa oposição à idéia de identidade do idêntico a si mesmo, de mesmidade, tão cara às psicologias. Dizendo de outra maneira, a suserania do eu autônomo, consciente e auto-centrado encontra-se há muito ameaçada pela heteronomia, pelo inconsciente e pelo descentramento que rejeitam toda egotismo. Temos nos debruçado na investigação do lugar do outro nas psicologias contemporâneas, em especial nas abordagens fenomenológico-existenciais e na psicologia humanista. Para as primeiras, entendemos ser possível lidar com essa *outridade*, com a diferença, com o desamparo, com a opacidade, com o disruptivo.

Isso nos remete para a subjetividade enquanto qualidade de um sujeito que é desde sempre sujeitado a outrem. Por conseqüência, temos de levar em consideração o outro que habita nós mesmos, nosso estranho familiar, e o outro com quem nos relacionamos, o estrangeiro que nos bate à porta. Na *Invocação a Joyce*, Borges dá vazão à alteridade:

*Eu sou os outros. Eu sou todos aqueles que teu rigor obstinado resgatou.
Sou os que não conheces e os que salvas*
(2000, p.407).

E Fernando Pessoa (2001) também nos socorre:

*Dia a dia mudamos para quem
Amanhã não veremos. Hora a Hora
Nosso diverso e sucessivo alguém
Desce uma vasta escadaria agora.*

*É uma multidão que desce, sem
Que um saiba dos outros. Vejo-os meus e fora.
Ah, que horrorosa semelhança têm!
São um múltiplo mesmo que se ignora.*

*Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.*

*Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
E, inúmero, prolixo, vou descendo
Até passar por todos e perder-me*
(Novas poesias inéditas, p. 700).

O *Aleph* de Borges, “um dos pontos do espaço que contém todos os pontos (...) o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do orbe, vistos de todos os ângulos” (1999, p. 696), representa, fisicamente talvez, esse

inexcedível outro, irrepresentável porque para além da idéia que tenta contê-lo, como o Infinito cartesiano. Outro como excesso que possibilita a criatividade e que não permite a apropriação identitária, nem a subsunção ao conceito ou à norma. Como Manuel de Barros justifica, na contramão dos multiplicadores e disseminadores da informação:

*Porque eu não sou da informática:
Eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios
(O apanhador de desperdícios, 2003).*

Trata-se de não se deixar cair no ardid do capitalismo avançado, que usa do expediente da falsa diferenciação da segmentação do mercado, para adormecer o que ainda resta de singular nos indivíduos. Mas Drummond dizia em *Igual-Desigual* que

*... o homem não é igual a nenhum outro homem,
bicho ou coisa.
Não é igual a nada.
Todo ser humano é um estranho
Ímpar.
(A paixão medida)*

Abrir-se para o outro é o mister da criação. A arte digna desse nome é um gerar diferenças. Um exemplo recente na literatura é o romance maduro de Chico Buarque, *Budapeste*. Nele, o autor provoca a intertextualidade ao limite, fazendo com que um outro livro se construa e se confunda com aquele que estamos lendo, a tal ponto que o narrador, ao mesmo tempo autor, escritor, personagem e leitor, diz o aparente contra-senso: “O autor do meu livro não sou eu ...” (2003, p.170), ainda mais vindo de um *ghost-writer*.

Inquietações do sujeito moderno, quiçá pós-moderno, que já não consegue defender sua autonomia e sua racionalidade, e sucumbindo à sedução da publicidade “desinveste o mundo e refugia-se em soluções estritamente pessoais, onde o objeto/imagem de consumo passa a se configurar na única forma de alteridade possível” (Severiano, 2001, p.113). Sujeito descaído por força de uma alteridade que lhe chega de fora, de todos os outros, mas que também já lhe habita o interior, sua própria casa onde não é mais senhor. Até porque, “A rigor, toda expressão é polissêmica, remetendo a significação para uma infinidade de outras significações, ou seja, para outros aspectos daquilo que é” (Germano, 2000, p.128).

Ressonâncias de uma ética da alteridade radical, desjaríamos, dado que nos faz pensar que talvez a única coisa que pode fazer sentido, nessa infundável busca de significação que é a existência humana, é o *desinteressamento* do *ser-com-para-e-pelos-outros*. Desinteresse porque outrem não deve me interessar, pois não é meio para nenhum fim,

mas fim em si mesmo. *Ser-com* porque todo *ser-aí-no-mundo* é já *ser-com-os-outros* (Heidegger, 2001), embora Lévinas nos imponha o “viver como se não se fosse um ser entre os seres” (1988, p. 92). Ser para e pelos outros na responsabilidade inexcedível e na urgência do atraso, já que não há sincronismo nem simetria nesse encontro-desencontro com o outro.

São essas questões indisciplinadas que nos perseguem. A elas temos dedicado boa parte do nosso trabalho acadêmico. Somos gratos aos interlocutores que encontramos pelo caminho, nesta ou naquela seara do conhecimento, que propiciaram nosso desconforto ou desalojamento no sítio restrito do que seria a Psicologia oficial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bloom, Harold (2000) *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Borges, Jorge Luis (1999). *Obras completas*. Vol. I. São Paulo: Globo.
- _____. (2000). *Obras completas*. Vol. II. São Paulo: Globo.
- Buarque, Chico (2003). *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Derrida, Jacques. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta..
- Drummond de Andrade, Carlos. *A paixão medida*. Rio de Janeiro: Record.
- Figueiredo, Luis Cláudio (1995). *Revisitando as psicológicas*. São Paulo: EDUC, Petrópolis:VOZES.
- Freire, José Célio (2000a). *As psicológicas na modernidade tardia: o lugar vacante do Outro*. São Paulo:Universidade de São Paulo. [Tese de Doutorado]
- _____. (2000b). É a realidade da literatura menos real? *Revista de Psicologia da UFC*. 15 (1 / 2): 97-103.
- _____. (2000c). Uma leitura da leitura através da *Recherche* de Proust. *Revista de Letras*. 21 (1 / 2): 17-25.
- _____. (2001a). Criar para o tempo, tempo para o criar, para criar o tempo. *Estudos de Psicologia*. 6 (1):83-91.
- _____. (2001b). Proust e o uso do ócio: o avesso da pseudocultura. *Educação em debate*. 2 (42): 69-76.
- _____. (2002). *O lugar do outro na modernidade tardia*. São Paulo:Annablume; Fortaleza: SECULT.
- Germano, Idilva Ma. Pires (2000). *Alegorias do Brasil: imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Annablume.
- _____. (2002). *Viagens ao coração do Brasil. Invenções da Nação em José de Alencar e Antonio Callado*. Fortaleza, UFC. (Tese de Doutorado)

Heidegger, Martin (2001). *Seminário de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes.

Lévinas, Emmanuel (1988). *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70.

Rosa, João Guimarães (1994). *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Pessoa, Fernando (2001). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Salles, Walter (2002). *Abril Despedaçado*. Filme dirigido por Walter Salles e produzido por Arthur Cohn. Adaptação

livre do livro homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré, realizada por Walter Salles, Sérgio Machado e Karim Aïnouz. Atores: José Dumont, Rodrigo Santoro, Rita Assemany, Luiz Carlos Vasconcelos, Ravi Ramos Lacerda, Flávia Marco Antônio e Everaldo Pontes.

Severiano, Maria de Fátima Vieira (2000) (Pseudo) indivíduo e indústria cultural contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*. 31 (1): 95-109.

_____. (2001) *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume.